

Como se faz filosofia?

Contribuições de uma perspectiva histórica e fenomenológica

How is philosophy performed? Contributions to a historical and phenomenological perspective

Josenir Lopes Dettoni¹

Lenir Lopes Dettoni²

Maria Cristina Carelli³

Resumo: Tendo a investigação filosófica como tema deste artigo, sustentamos inicialmente uma relação íntima entre objeto e método em Filosofia. Mais do que paralelos, evidenciamos que ambos andam associados, ou seja, de acordo com o método será o objeto; e de acordo com o objeto será o método. Após uma breve introdução, tratamos de mostrar isso, historicamente, na segunda parte do artigo, em que abordamos *Como se fez Filosofia*. Fazemos uma rápida revisão das filosofias que tivemos. Desde os pré-socráticos, duas grandes linhas de pensamento filosófico se estruturam e se desenvolvem ao longo da vida ocidental. Uma de Parmênides ao Neotomismo contemporâneo, outra de Heráclito ao Marxismo contemporâneo. Uma filosofia do ser e outra do vir-a-ser, uma da Tradição, outra da Revolução. O que importa no nosso caso é perceber nitidamente que o método dialético, filho de Heráclito, está ligado à concepção da realidade como envolvente; e o método parmenídico à concepção da realidade como permanente. Evidenciamos também que, dos pré-socráticos até os racionalistas, a realidade objetiva era considerada objeto da Filosofia. Com o racionalismo e o criticismo, a subjetividade passa a ser objeto da Filosofia e o método o racional crítico. Por sua vez, com o racional criticismo não satisfazendo a necessidade humana de busca do sentido da vida, cria-se um novo método; surge a fenomenologia. Já na terceira parte do artigo, *Como se faz uma Filosofia*, tomamos como exemplo a corrente fenomenológica, que entende o homem como ser intencional. Seguindo esse caminho, finalizamos o artigo sustentando que, para fazermos Filosofia, temos que

¹ Doutor em Filosofia pela UNISINOS com estágio doutoral em Oxford University. Atualmente, é professor de filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Doutora em Educação pela Universidad del Este del Paraguay. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

³ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

escutar o ser, dialogar com o ser e dizer o sentido da realidade. É neste escutar o ser e dizer seu sentido que surge o valor da vida.

Palavras-chave: História da Filosofia. Epistemologia. Fenomenologia.

Abstract: Having philosophical inquiry as the theme of this article, initially we maintain a close relationship between object and method in philosophy. More than parallel, we observed that both walk side by side, connected, that is, according to the method will be the object; and according to the method the object is. After a brief introduction, we try to show that, historically, in the second part of the article, where we approach how philosophy was done. We go through a quick review of the philosophies we have had. Since the pre-Socratic, two main lines of philosophical thought are structured and developed along the western life. One by Parmenides to contemporary Neothomism, another by Heraclitus to contemporary Marxism. A philosophy of being and the other one's coming-to-be, one of the Tradition, another of the Revolution. What matters in this case is clearly realize that the dialectical method, son of Heraclitus, is linked to the conception of reality as involving; and parmenidic method to the conception of reality as permanent. We also showed that, from pre-Socratic to the rationalists, the objective reality was considered the object of philosophy. With rationalism and criticism, subjectivity becomes the object of philosophy and critical rational method. In turn, the rational criticism not satisfying the human need when searching meaning in life, it is created a new method; phenomenology comes to be. In the third part of the article *How do you do a philosophy*, we take as an example the phenomenological thoughts, which understand man as being intentional. Therein, we completed the article arguing that to do philosophy, we must listen the being, dialogue with the being and say the sense of reality. It is in this listening and speaking process the being that the value of life arises.

Keywords: History of Philosophy. Epistemology. Phenomenology.

1 Introdução

Se alguém se perguntasse, como muitos o fazem, por que estudar Filosofia ou qual a importância da Filosofia, já estaria filosofando e, portanto, de alguma forma, implicitamente justificando sua existência. Torna-se, por isso, clara a justificativa da importância deste artigo, como, igualmente, a constatação de sua atualidade, pois, sendo a Filosofia codimensional ao homem, sempre foi e sempre será importante se o homem e sua vida forem importantes.

O tema aqui abordado e especificado sob o título de *Como se faz Filosofia* está vinculado e sugere outros, como *O que é*

Filosofia e, ainda, *O que foi Filosofia*, pois tem razão Sciacca ao afirmar que “não há Filosofia sem História da Filosofia” (SCIACCA, 1967, p. 17), o que equivale a dizer que não há o hoje sem o ontem.

O pensamento é, por natureza, aberto, isto é, caminha em todas as direções e ultrapassa qualquer limite. É por isso que a assertiva de Reale de que “a Filosofia não existiria se todos os filósofos culminassem em conclusões uniformes e idênticas” (REALE, 1972, p.7) faz sentido. Bastaria completar: é impossível que dois filósofos produzam a mesma filosofia. Estas grandeza e miséria da Filosofia, mais grandeza do que miséria, perdurarão enquanto houver ao menos dois homens sobre a terra.

O objeto e o método em Filosofia andam paralelos. Mais do que paralelos, andam associados, ou seja, de acordo com o método será o objeto; e de acordo com o objeto será o método.

Portanto, uma possível resposta a “como se faz filosofia” é: usa-se o método de acordo com o objeto que se enfoca, ou vice-versa. Trataremos de mostrar isso, historicamente, na segunda parte do artigo; e, na terceira, mostraremos como se faz uma filosofia, porque, a rigor, não há a Filosofia, mas há filosofias.

“Como se faz pesquisa em Filosofia” parece significar o mesmo que “como se faz Filosofia”, dado que, no sentido rigoroso, a verdadeira Filosofia sempre é pesquisa filosófica e, enquanto isso não for, não será Filosofia. O termo pesquisa, oriundo da modernidade, não tira o rigor filosófico do filosofar antigo, nem dá rigor filosófico aos famigerados “trabalhos de pesquisa” “acadêmicos”, quando de reflexão nada têm e têm tudo de compilação.

2 Como se fez Filosofia: relação histórica entre objeto e método da Filosofia

Desde os pré-socráticos, duas grandes linhas de pensamento filosófico se estruturam e se desenvolvem ao longo da vida ocidental. Uma de Parmênides ao Neotomismo contemporâneo, outra de Heráclito ao Marxismo

contemporâneo. Uma filosofia do ser e outra do vir-a-ser, uma da Tradição, outra da Revolução.

O que importa no nosso caso é perceber nitidamente que o método dialético, filho de Heráclito, está ligado à concepção da realidade como envolvente; e o método parmenídico [“discurso do ser sobre o ser” (SCIACCA, 1967, p. 33)] à concepção da realidade como permanente (o ser é e o não-ser não é). Heráclito e Parmênides são os dois polos da Filosofia Ocidental.

Na história do pensamento filosófico no Ocidente, Parmênides teve a primazia e Heráclito só foi ressuscitado por Hegel. Assim, a filosofia clássica, a medieval e a moderna, são herdeiras de Parmênides.

Sócrates, Platão e Aristóteles, apesar de criticarem os pré-socráticos, de colocarem, aprofundarem e desenvolverem temáticas novas, não ultrapassam o objeto parmenídico do ser como permanência e, por isso, não fogem, apesar de tudo, ao método lógico racional, nascido do princípio de identidade de Parmênides.

O método socrático do diálogo irônico e maiêutico visa à formação do “conceito”. Conceito que se firma e se elabora dentro do princípio de identidade. E quando, ao falar do método filosófico, afirma que coloca “em cada caso um princípio, aquele que julgo mais sólido” (PLATÃO *apud* REZENDE, 1986), está se baseando no princípio último da identidade.

E Platão, ao usar sua dialética, também não se afasta do princípio do “ser é e o não-ser não é”, mas, ao contrário, confirmou-se no princípio de identidade, em busca das essências imutáveis do mundo das ideias. Ou seja, entendendo que o que é é no mundo das ideias, o método, o como fazer filosofia, é o caminho para se chegar a esse mundo.

Em Aristóteles, aperfeiçoa-se o instrumental lógico da investigação filosófica, mas as próprias teorias das causas e do ato e potência são instrumentos para entender a identidade absoluta do Ato Puro. O método está condicionado pelo objeto e o objeto pelo método; por isso a Filosofia “é problema da ciência do real ou da natureza, com que se identifica o ser” (ARISTÓTELES *apud* SCIACCA, 1967, p. 113).

As filosofias medievais, com destaque em Agostinho e Tomás de Aquino, sob o ponto de vista do método, são reverberações platônico-aristotélicas, com influência cristã. Para o primeiro, a Filosofia “é colóquio entre Criador e criatura” (AGOSTINHO *apud* SCIACCA, 1967, p. 171) e, para o último, “a Filosofia vale como preparação e ajuda à Teologia, que é coroamento da própria Filosofia” (TOMÁS DE AQUINO *apud* SCIACCA, 1967, p. 220).

Com a grande guinada do objeto da Filosofia do objetivismo para o subjetivismo, com a Idade Moderna, critica-se (pesquisa-se) a própria fonte do método (a razão humana), porque o homem (e, particularmente, a razão do homem) se torna objeto da Filosofia. A dúvida metódica cartesiana toca fundo na questão do método porque o homem se tornou objeto da Filosofia. O subjetivismo racionalista é objeto e método da filosofia moderna. O criticismo kantiano é uma radicalização do subjetivismo racionalista. O método se tornou, mais do que nunca, a própria razão. A razão rigorosa como método e a capacidade da razão como objeto.

E a Idade Contemporânea, cansada de ver o homem como objeto da Filosofia só sob o ângulo da razão e a partir do método racional-crítico, avança e passa a ver o homem como ser não só pensante, nem só operante (positivismo), mas um ser global valorante. E, então, para esse objeto (da Filosofia), o método racional-crítico já não é suficiente, surgindo a fenomenologia, que tenta desvelar o homem como ser intencional.

Paralelamente a esse desenvolvimento da Filosofia na sua relação objeto-método⁴ sobre as bases do princípio parmenídico de identidade, evolui a História da Filosofia a partir do princípio heraclítico de contradição, e Hegel (e, depois, Marx), vendo o mundo como evolução, usa outro método (adequado a este objeto), o dialético. Usa o método dialético porque vê que “o processo dialético representa a forma do desenvolvimento de toda a realidade” (HEGEL *apud* MONDOLFO, 1969, p. 41).

⁴Além da relação objeto-método na História da Filosofia, há a relação Filosofia-contexto histórico. Mas isso foge ao limite deste artigo.

Parece-nos, podemos dizer aqui, que analisar dialeticamente uma realidade que é considerada estática é impossível ou ineficaz, o mesmo valendo para uma hipotética análise dedutivo-racional para uma realidade que se vê como evolucionária. Tal o objeto, tal o método. Ou: “o mesmo é o ser e o pensar”, como disse Parmênides (*apud* BUZZI, 1973, p. 36).

3 Como se faz uma filosofia: uma aproximação fenomenológica

3.1 O tomar consciência

Mondolfo, com justeza, diz que “para investigar, [...] necessita-se ter consciência de um problema” (MONDOLFO, 1969, p. 47). Como o ponto de partida do homem é ele mesmo, o primeiro problema do homem é o próprio homem. Ele se problematiza a si mesmo. E, a partir de si mesmo, coloca tudo como problema. A base é a tomada de consciência. Ouçamos Sciacca: “‘O que faço no mundo?’ Não existe ninguém que, pelo menos uma vez na vida, não tenha formulado esta pergunta e que, bem ou mal, implicitamente ou explicitamente, não tenha respondido ou acreditado ter respondido” (SCIACCA, 1967, p. 7). A este nível inicial, todos os homens são filósofos. A diferença entre a afirmação de que “todos os homens são filósofos” e os grandes filósofos está em que estes levam a tomada de consciência e a tentativa de respostas a uma radicalidade.

Desta forma, “é filósofo aquele que pensa aquilo que o resto da humanidade vive. O discurso filosófico, quando é verdadeiro, não só não é incompreensível como torna ‘compreensível’ a cada um de nós aquilo que vive sem saber que vive” (SCIACCA, 1967, p. 9). A Filosofia não nasce na estratosfera nem no “mundo das ideias”, mas inicia pela “tomada de consciência da experiência comum” (SCIACCA, 1967, p. 10). O filósofo, mesmo afastado do burburinho da vida, é o homem duma sensibilidade especial. É um homem mais desperto do que o comum dos homens.

Segundo Mondolfo, “a primeira exigência que importa ao investigador é a de conseguir, da melhor maneira possível, uma consciência clara e distinta do problema que constitui objeto de

sua indagação” (MONDOLFO, 1969, p. 30). Se não tiver um bom começo, a continuação de seu trabalho será dificultada e desvirtuada.

Esta tomada de consciência causa espanto e admiração, origem do filosofar, conforme os gregos. É este espanto que sustenta e alimenta a Filosofia. “Na medida, pois, em que os passos do filósofo estiverem guiados e sustentados pelo espanto, ele filosofa. Filosofar é esse deixar-se envolver pelo espanto, que é um deixar-se levar, um deixar-se convocar ao apelo do ser” (BORNHEIM, 1976, p. 175). O ser apela ao filósofo e este interpela o ser. Instaure-se, a partir da tomada de consciência, o diálogo filosófico entre o ser e o pensar.

3.2 A busca do fundamento

Se a tomada de consciência que espanta é o começo do filosofar, este não se contenta a não ser com o fundamento. Esta é a medida do filosofar: a busca do fundamento tem que ser isso, pois “uma filosofia que não seja aprofundamento da existência integral é vazio e estéril exercício lógico” (SCIACCA, 1967, p. 7).

Este aprofundamento não é um afastamento desperdiçado da vida real. O filósofo “é um homem, quando é verdadeiramente filósofo, que reflete sobre a existência, que faz da própria existência um problema, não para afastar-se dela ou negá-la, mas para explicá-la, esclarecê-la, aprofundá-la” (SCIACCA, 1967, p. 9). Assim, a Filosofia “é o aprofundamento [...]” (SCIACCA, 1967, p. 10). Aprofundamento do problema da existência e, a partir dela, dos demais problemas. Mas “problema radical é sempre o do homem [...]” (SCIACCA, 1967, p. 11). Mesmo pondo-se outros problemas, parte-se dele e em sua função.

Não é pelo fazer que vamos ao fundo do ser. É pelo pensar. “Pensar é acolher o real tal qual é na radicalidade última de si próprio” (BUZZI, 1973, p. 5). Filosofar “é um aproximar-se para mais perto do que se vive, e ir à sua raiz” (BUZZI, 1973, p. 5). É ir em busca do fundamento da radicalidade.

Ir à radicalidade é dimensionar-se para mais, é humanizar-se. É crescer como homem. No dizer de Buzzi, “a investigação filosófica é um processo de humanização” (BUZZI, 1973, p. 25). Esse processo, esse caminho, é um caminho de ida “à verdade do seu e de todo ser” (BUZZI, 1973, p. 25). Ser que somos e ser que não somos. Ser nada facilmente acessível. O objeto próprio da Filosofia “é essa estranha profundidade nunca diretamente acessível, irreduzível ao ente que vemos, tocamos e manipulamos” (BUZZI, 1973, p. 19).

Neste sentido, filosofar é criticar. Ser filósofo é ser crítico. “A postura crítica caracteriza-se pelo ato de questionar estes fundamentos” (BORNHEIM, 1976, p. 41). Fundamentos do ser, do agir, fundamentos de tudo.

O filósofo “quando afirma que a Filosofia não serve para nada, ele quer dizer que o homem pode, além de agir, perguntar pelos fundamentos da ação [...]” (BORNHEIM, 1976, p. 41). Não só pode, como, se não o fizer, não se sente seguro, perde a referência, diríamos, ontológica de sua existência.

O conhecimento empírico do dia-a-dia lhe dá condições de sobrevivência, o conhecimento científico-tecnológico lhe dá condições de uma vida mais eficaz, mais confortável, mais livre. Mas, sem a reflexão filosófica, tudo fica mais embaçado, mais escuro, mais inseguro, mais vago, menos humano.

3.3 O dizer o sentido

Quando Buzzi afirma que “na imanência está a transcendência” (BUZZI, 1973, p. 23), quer mostrar o diálogo entre o sujeito e o ser, entre a imanência e a transcendência. Quer mostrar que “falar do real sem lhe propor modelos, deixar que o real faça sua potência no espírito tal qual é, colhê-lo na manifestação originária de simplesmente ser, é filosofar” (BUZZI, 1973, p. 23). Filosofar é, pois, escutar o ser. Mas não uma escuta passiva. É também dizer o sentido. O silêncio, este “intróito ao pensar” (BUZZI, 1973, p. 27), é a condição primeira da escuta e da fala do ser e ao ser. Cabe à Filosofia falar o ser, dizer “aquilo que ele é” (BUZZI, 1973, p. 26).

Sem o filosofar, o ser fica mudo, o mundo não manifesta seu sentido. Não um sentido meramente lógico. Mais do que lógico. “A Filosofia não é uma lógica (ao menos não no sentido moderno), mas uma especial e bem característica precisão de dizer o sentido da realidade” (BUZZI, 1973, p. 30).

Para aprender dizer o ser e o seu sentido é preciso um “intróito”, um silêncio, um longo aprendizado. “O estudo da Filosofia pressupõe grande madureza de espírito, um *insight* existencial que desvele o sentido unitário do ser na policromia exuberante de suas manifestações” (BUZZI, 1973, p. 133). Sem a escuta atenta e a reflexão séria, essa policromia não passa de disparidade, discrepância, contradição, absurdidade.

O homem pergunta ao ser, mas ele mesmo tem que ser o intérprete, pois “deixar a pergunta sem resposta é viver tendo suspensa a vida numa incógnita, ‘viver’ sem jamais verdadeiramente ‘existir’” (SCIACCA, 1967, p. 7).

E renunciar ao filosofar não seria mais cômodo? Não seria uma saída? Por que tantos porquês? Não se pode renunciar à solução do problema do porquê da existência, sem renunciar à própria existência, isto é, “a esclarecer e justificar o sentido e o valor” (SCIACCA, 1967, p. 7). Podemos até fazer greve de fome, não só de trabalho, mas greve de filosofar não nos é possível. O viver inclui o dar sentido ao viver.

O sentido dos outros seres é descoberto em decorrência do sentido do homem. “A significação e o porquê das coisas se conhecem só quando são descobertos os do homem, isto é, quando é resolvido o problema do sentido profundo do existente homem” (SCIACCA, 1967, p. 8). A partir do seu sentido, do seu valor, o homem descobre o sentido do mundo. Esta verdade é sentida por todos. E “o filósofo diz e sabe dizer aquilo que todos sentem imediatamente” (SCIACCA, 1967, p. 8).

Filosofar é dizer o ser ou escutar o ser. São as duas tarefas. Diríamos, então, que o filósofo é o intérprete do ser. Ouve-o e, aprendendo sua linguagem, o traduz aos outros homens. Se só escutar, será ineficaz sua escuta; se não escutar, será estéril sua fala.

4 Conclusão

Tomando a investigação filosófica como tema deste artigo e vendo uma relação íntima entre objeto e método em Filosofia, dividimos a presente pesquisa em quatro partes. Após a introdução, vimos, na segunda, *Como se fez Filosofia*. Tratou-se de uma rápida revisão das filosofias que tivemos, desde os pré-socráticos até os racionalistas, em que a realidade objetiva era considerada objeto da Filosofia. Com o racionalismo e o criticismo, a subjetividade passa a ser objeto da Filosofia e o método o racional crítico. Por sua vez, o racional criticismo, não satisfazendo a necessidade humana de busca do sentido da vida, cria um novo método, surgindo a fenomenologia.

De acordo com a época e o objeto a ser estudado, temos um método diferente para a pesquisa filosófica, pois o pensamento filosófico mesmo, subordinado ao tempo, possui uma realização gradual de processo contínuo; isto é, os sistemas passam e caem, mas os problemas permanecem e apelam para um aprofundamento da consciência filosófica.

Na terceira parte, *Como se faz uma Filosofia*, tomamos como exemplo a corrente fenomenológica, que vê o homem como ser intencional. Discorremos sobre a importância da tomada de consciência do problema; sobre a incessante busca de fundamento; bem como sobre o processo de se dizer o sentido do real. Verificamos, destarte, a necessidade de termos “ideias claras e distintas” para, em seguida, irmos à radicalidade. Assim, chegaremos à “verdade do ser”.

Concluimos dizendo que, para fazermos Filosofia, temos que escutar o ser, dialogar com o ser e dizer o sentido da realidade. É neste escutar o ser e dizer seu sentido que surge o valor da vida.

Referências Bibliográficas

BORNHEIM, G.A. *Introdução ao filosofar*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.

BUZZI, A. *Introdução ao pensar*. 3. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

MONDOLFO, R. *Problemas e métodos de investigação na História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1969.

REALE, M. *Filosofia do Direito*. 1º v. 6ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1972.

REZENDE, A. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1986.

SCIACCA, M. F. *História da Filosofia*. v. 1. São Paulo: Editora MestreJou, 1967.